



ROBERT BRYNDZA

A RAPARIGA NO GELO

ROBERT BRYNDZA

A RAPARIGA NO GELO

Tradução de
Ana Lourenço

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

A presente edição segue a grafia do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

THE GIRL IN THE ICE © Robert Bryndza 2016
© 2017 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Rapariga no Gelo*
Título original: *The Girl In the Ice*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria Vitorino
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros
Ilustração de capa original: Henry Steadman
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-99705-8-8
Depósito legal: 427 259/17
1.ª edição: junho de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Ján, que partilha a minha vida
através da comédia e, agora, do drama.

Prólogo

A calçada brilhava ao luar enquanto Andrea Douglas-Brown estugava o passo pela rua deserta. Os saltos altos ressoavam no silêncio com frequentes mudanças de ritmo, por causa de toda a vodca que tinha bebido. O ar de janeiro estava gelado, e as pernas nuas ardiam-lhe devido ao frio. O Natal e o Ano Novo tinham passado, deixando um vazio gelado e asséptico. As montras iam ficando para trás, escuras, interrompidas apenas por uma loja de bebidas encardida sob um candeeiro cuja luz tremeluzia. Lá dentro estava um indiano, curvado sobre o brilho do portátil, mas não deu pela passagem da rapariga.

Andrea estava tão furiosa, tão decidida a deixar o *pub* para trás que só se perguntou para onde ia quando as montras foram substituídas por casas grandes, recuadas do passeio. Os ramos nus de um ulmeiro esticavam-se para o alto e desapareciam no céu despido de estrelas. Ela parou e apoiou-se a uma parede, para recuperar o fôlego. O sangue fervia-lhe nas veias e o ar frio queimava-lhe os pulmões quando respirava. Ao olhar para trás, viu que se afastara muito e que já tinha subido metade da encosta. Atrás de si, a rua, uma mancha preta de vez em quando banhada pela luz alaranjada dos candeeiros, descia até à estação ferroviária, já fechada e às escuras. O silêncio e o frio oprimiam-na. O único movimento provinha da nuvem de vapor do seu hálito no ar gélido. Enfiou a *clutch* cor-de-rosa debaixo do braço e, tendo confirmado que não havia ninguém por perto, levantou a parte da frente do minúsculo vestido e tirou um *iPhone* das cuecas. Os cristais *Swarovski* da capa cintilaram preguiçosamente sob a luz alaranjada. O ecrã mostrava que não havia rede.

Ela praguejou, enfiou-o de novo nas cuecas e abriu a minúscula *clutch*. Lá dentro havia um modelo de *iPhone* mais antigo, também com uma capa de cristais *Swarovski*, mas já com vários em falta. Também não tinha rede.

O peito comprimiu-se-lhe, pelo pânico, quando olhou em volta. As casas ficavam afastadas da rua, ocultas por sebes altas e por portões de ferro. Se chegasse ao cimo da colina, provavelmente conseguiria ter rede. *Que se lixe*, pensou, iria ligar ao motorista do pai. Logo pensaria numa explicação para estar a sul do rio. Abotoou o minúsculo blusão de cabedal, cruzou os braços por cima do peito e subiu a colina, com o telemóvel antigo ainda na mão, como um talismã.

Ouviu atrás de si o motor de um carro e virou a cabeça, semicerando os olhos por causa dos faróis, sentindo-se ainda mais exposta quando a luz forte lhe atingiu as pernas nuas. A esperança de que fosse um táxi desvaneceu-se quando viu que o tejadilho era baixo e não havia nada em cima dele. Virou-se e continuou a andar. O som do motor tornou-se mais alto e então os faróis aproximaram-se, projetando um grande círculo de luz no chão, à sua frente. Passaram-se mais alguns segundos, mas as luzes continuaram a incidir nela; quase conseguia sentir-lhes o calor. Olhou para trás, para a luz. O carro abrandou e avançou lentamente atrás dela.

Andrea ficou furiosa quando percebeu de quem era o carro. Lançou o cabelo comprido para trás, virou-se e continuou a andar. O carro acelerou um pouco e ficou ao lado dela. Os vidros eram fumados. A vibração produzida pelo sistema de som arranhou-lhe a garganta e fez-lhe comichão nas orelhas. Ela parou abruptamente. O carro imitou-a segundos depois, a seguir recuou até que a janela do condutor ficou ao lado dela. O sistema de som desligou-se. O motor continuou a roncar.

Andrea inclinou-se e olhou para o vidro preto da janela, mas viu apenas o reflexo do seu próprio rosto. Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Bateu na janela com a *clutch* e tentou abrir novamente a porta.

– Não estou a brincar, o que eu disse há bocado era a sério! – gritou. – Ou abres a porta, ou... ou...

O carro permaneceu imóvel, com o motor a trabalhar.

«Ou o quê?», parecia querer dizer.

Andrea enfiou a mala debaixo do braço, levantou o dedo do meio para o vidro e continuou a andar, chegando ao cimo da colina. Havia uma árvore enorme à beira do passeio. Pôs-se atrás dela para evitar a luz dos faróis do carro e voltou a verificar o telemóvel, levantando-o acima da cabeça, em busca de rede. O céu estava coberto e a névoa de tom vermelho-alaranjado estava tão baixa que teve a impressão de que, se esticasse o braço, poderia tocar-lhe. O carro avançou lentamente e parou ao lado da árvore.

O medo começou a apoderar-se de Andrea. Parada atrás da árvore, olhou rapidamente em volta. Havia sebes densas nos passeios, dos dois lados da rua, estendendo-se até desaparecerem na escuridão de uma zona suburbana. Então viu qualquer coisa do outro lado: uma viela entre duas casas grandes, e conseguiu ler o que estava escrito numa pequena placa: DULWICH 2 KM.

– Apanha-me, se puderes – murmurou.

Respirando fundo, fez tenção de atravessar a rua a correr, mas prendeu o pé numa das raízes grossas que afloravam no passeio. Quando o tornozelo se torceu sob o seu peso, sentiu uma dor fortíssima. Perdeu o equilíbrio, e a *clutch* e o telemóvel deslizaram para longe enquanto ela se estatelava no chão. Bateu com a anca na quina e a cabeça atingiu o alcatrão com um ruído surdo; ficou atordoada sob a luz dos faróis.

Instantes depois, os faróis foram desligados, mergulhando-a na escuridão.

Ouviu a porta do carro ser aberta e tentou levantar-se, mas a rua oscilou e rodou. Viu umas pernas, calças de ganga... Dois ténis caros ficaram desfocados e tornaram-se quatro. Estendeu o braço, à espera de que a figura familiar a ajudasse a levantar-se, mas, em vez disso, num movimento rápido, uma mão numa luva de couro apertou-lhe com força o nariz e a boca; o outro braço envolveu os de Andrea e prendeu-os contra o corpo. O couro da luva era macio e quente na sua pele, mas a força imprimida pelos dedos que ela cobria deixou-a chocada. Sentiu-se içada, arrastada com rapidez até à porta de trás e atirada para dentro do carro, ficando a ocupar todo o banco. O frio atrás de si extinguiu-se quando a porta foi fechada. Andrea ficou deitada, em choque, sem compreender bem o que tinha acabado de acontecer.

O carro oscilou quando o vulto se sentou no banco do pendura e fechou a porta. Ouviu-se o clique do fecho centralizado. Andrea ouviu que o porta-luvas se abria, que algo estava a ser remexido, e depois que voltava a fechar-se com força. O carro voltou a oscilar quando a figura passou pelo espaço entre os bancos da frente e se sentou sobre as costas de Andrea, expulsando-lhe o ar dos pulmões. Momentos depois, os pulsos dela foram envolvidos por uma tira fina de plástico, por detrás das costas, cortando-lhe a pele. Movimentou-se, com rapidez e agilidade, até à parte de baixo do corpo dela, e coxas musculosas começaram a pressionar-lhe os pulsos amarrados. Ouviu uma grossa fita adesiva a ser desenrolada e a dor no tornozelo torcido aumentou quando lhe amarraram os pés com ela. Sentiu um forte cheiro a ambientador de pinho misturado com um odor a cobre e percebeu que sangrava do nariz.

Um acesso de cólera encheu Andrea de adrenalina, aclarando-lhe a mente.

– Que porra é que estás a fazer? – começou. – Vou gritar. Sabes bem que grito alto!

Mas o vulto girou, agora com os joelhos nas costas de Andrea, expulsando-lhe ainda mais o ar dos pulmões. Pelo canto do olho, viu uma sombra mover-se, e um objeto duro e pesado bateu-lhe na nuca. Sentiu uma nova dor e viu estrelas. O braço subiu novamente e desceu brutalmente, e, em seguida, tudo ficou negro.

A rua continuava silenciosa e deserta, e os primeiros flocos de neve começaram a cair, bailando preguiçosos antes de atingirem o chão. O carro, elegante com os seus vidros fumados, arrancou quase sem fazer ruído e perdeu-se na noite.

Lee Kinney saiu da pequena casa geminada de esquina onde ainda vivia com a mãe e olhou para a rua coberta de branco. Tirou o maço de tabaco das calças de fato de treino e acendeu um cigarro. Nevara todo o fim de semana, e a neve continuava a cair, purificando o emaranhado de pegadas e marcas de pneus que já havia no chão. A estação de comboios de Forest Hill estava silenciosa ao fundo da colina; os trabalhadores que geralmente passavam apressados por ela, a caminho dos escritórios no centro de Londres, provavelmente ainda estavam no quentinho, a aproveitar uma inesperada manhã na cama com as caras-metades.

Filhos da mãe cheios de sorte.

Lee estava desempregado desde que saíra da escola, seis anos antes, mas os bons tempos em que preguiçava à custa do subsídio de desemprego tinham acabado. O novo governo, conservador, estava a tomar medidas duras contra os desempregados de longa duração, e agora Lee tinha de trabalhar a tempo inteiro para receber o subsídio. Tinham-lhe dado um trabalho muito calmo como jardineiro municipal no Museu Horniman, apenas a dez minutos a pé da sua casa, onde ele queria ficar nessa manhã, como toda a gente. Porém, não tivera notícias do centro de emprego a informá-lo de que não precisaria de ir trabalhar. Na discussão acalorada que se seguira naquela manhã, a mãe dissera que, se ele não aparecesse, lhe suspenderiam o subsídio e que o melhor seria procurar outro sítio onde viver.

Ouviu uma batida forte na janela da frente, e o rosto da mãe apareceu, a enxotá-lo. Ele mostrou-lhe o dedo do meio e começou a subir a colina.

Quatro bonitas adolescentes caminhavam na sua direção. Usavam *blazers* vermelhos, saias curtas e meias pelo joelho, o uniforme da Dulwich School for Girls. Comentavam animadas, com os seus sotaques elegantes, que a escola as tinha mandado para casa, ao mesmo tempo que mexiam nos *iPhones*, com os auriculares brancos a balançar e a bater nos bolsos dos casacos. Ocupavam o passeio todo e não se desviaram um milímetro sequer quando Lee se aproximou, sendo obrigado a sair do passeio e a pisar uma poça de neve negra e lamaçenta, deixada pelo limpa-neves. Sentiu água gelada entrar nos ténis novos, e lançou-lhes um olhar furioso, mas elas estavam demasiado absorvidas nas suas conversas enquanto riam à gargalhada.

Cabras ricas emproadas, pensou. Ao chegar ao topo da colina, a torre do relógio do Museu Horniman apareceu para lá dos ramos nus dos ulmeiros. A neve colara-se aos tijolos lisos e amarelos de arenito, formando montículos semelhantes a papel higiénico molhado.

Lee virou à direita, para uma rua residencial que se estendia paralela ao gradeamento de ferro do museu. A rua era íngreme e as casas ficavam progressivamente mais monumentais. Ao chegar ao cimo, parou por um momento, para recuperar o fôlego. A neve caía-lhe nos olhos, áspera e fria. Dali, num dia claro, era possível ver Londres a estender-se por quilómetros até à London Eye, na margem do Tamisa, mas naquele dia havia descido no ar uma densa neblina branca e Lee conseguia apenas ver os prédios da urbanização de Overhill na colina em frente.

O pequeno portão do gradil de ferro estava trancado. O vento soprava agora horizontalmente, e Lee tremeu nas suas calças de fato de treino. O responsável pela equipa de jardinagem era um velhote cretino e miserável. Lee tinha de esperar que ele aparecesse e o deixasse entrar, mas a rua estava vazia. Olhou em volta para se certificar de que não estava ninguém a observar, transpôs o pequeno portão e entrou no terreno do museu, seguindo por um carreiro entre duas sebes altas.

Protegido do vento uivante, o mundo à sua volta ficou inquietantemente silencioso. A neve caída era cada vez mais alta e preenchia-lhe as pegadas à medida que avançava. O Museu Horniman e os seus terrenos ocupavam sete hectares, e os barracões onde ficava o equipamento de jardinagem e manutenção situavam-se na parte

de trás, encostados a um muro alto com a parte de cima em curva. Para onde quer que Lee se virasse, só via branco, e desorientou-se, imergindo mais profundamente do que pretendia, nos jardins ao lado da estufa. O vislumbre do edifício ornamentado de ferro forjado e vidro apanhou-o de surpresa. Voltou para trás, mas ao fim de alguns minutos estava de novo em território desconhecido e viu-se numa bifurcação do carreiro.

Quantas vezes percorri estes malditos jardins?, perguntou-se. Seguiu pelo caminho da direita, que levava a um jardim situado num nível inferior. Uns querubins de mármore branco posavam em plintos de tijolo cobertos de neve. O vento uivava baixo ao soprar no meio deles, e, enquanto Lee passava, teve a sensação de que os pequenos e leitosos olhos vazios dos querubins o observavam. Parou e ergueu a mão junto ao rosto para se proteger do ataque furioso da neve, a tentar descobrir o caminho mais rápido até ao Centro de Visitantes. A equipa de manutenção do jardim geralmente não tinha autorização para entrar no museu, mas fazia um frio de rachar e o café podia estar aberto. *Que se lixe*, ele iria entrar para se aquecer como qualquer outro ser humano.

O telemóvel vibrou no bolso, e ele tirou-o. Era uma mensagem do centro de emprego a informar: «Devido a condições meteorológicas adversas, não é necessário comparecer no local de trabalho.» Lee voltou a enfiá-lo no bolso. Teve a impressão de que todos os querubins tinham as cabeças viradas para si. Teriam estado viradas para ele antes? Imaginou-lhes as cabecinhas a girar lentamente, seguindo-lhe o progresso pelo jardim. Afastou o pensamento e atravessou rapidamente em frente daqueles olhares vazios, concentrando-se no chão coberto de neve, e foi ter ao silêncio de uma clareira em volta de um lago que, em tempos, fora usado para passeios de barco.

Parou e semicerrou os olhos perante os flocos de neve rodopiantes. Havia um barco a remos azul desbotado no centro de uma elipse de neve perfeita que se tinha formado no lago congelado. Na ponta oposta do lago ficava a pequena casa dos barcos, já a apodrecer, e Lee conseguiu distinguir o oleado de um velho barco a remos sob o beiral.

A neve estava a entrar nos ténis já molhados e, apesar do casaco, o frio espalhava-se-lhe em volta das costelas. Sentiu vergonha ao

perceber que estava realmente com medo. Tinha de encontrar o caminho que o fizesse sair dali. Se voltasse pelo jardim do nível inferior, conseguiria encontrar o carreiro que contornava o terreno e sair na London Road. A estação de serviço estaria aberta e ele poderia comprar mais cigarros e chocolate.

Estava prestes a virar-se quando um ruído quebrou o silêncio. Era um som metálico e distorcido, e vinha da casa dos barcos.

– Ei! Quem está aí? – gritou com voz aguda e nervosa. Foi só quando o barulho cessou e, segundos depois, começou a repetir-se, que Lee percebeu que era o toque de um telemóvel. Talvez de algum dos colegas de trabalho.

Por causa da neve, não conseguia ver onde terminava o carreiro e começava a água gelada; então, mantendo-se junto à faixa de árvores que ladeavam a margem do lago, deu cuidadosamente a volta na direção do toque do telefone. Era um toque muito baixo, e, ao aproximar-se, confirmou que o som vinha da casa dos barcos.

Chegou perto do telhado baixo da casa e, agachando-se, viu um clarão a iluminar a penumbra atrás da pequena embarcação. O toque do telefone parou e, segundos depois, a luz apagou-se. Lee sentiu-se aliviado por ser só um telemóvel. Os drogados e os vagabundos saltavam muitas vezes o muro à noite, e os jardineiros estavam sempre a encontrar carteiras vazias – abandonadas depois de o dinheiro e os cartões terem sido tirados –, preservativos usados e agulhas. O telemóvel fora provavelmente abandonado ali... *Mas porquê deitar fora um telemóvel? Só se deita fora um que seja muito mau*, pensou Lee.

Contornou o pequeno edifício. Os pilares do minúsculo molhe espreitavam através da neve e as suas tábuas continuavam sob o telhado baixo da casa. Onde a neve não conseguia chegar, Lee viu que a madeira estava podre. Moveu-se com cuidado ao longo do molhe e inclinou-se para passar sob o telhado baixo. A madeira acima da sua cabeça estava podre e lascada, e pendiam dela teias de aranha. Estava agora ao lado do barco a remos e conseguia ver que, do outro lado, numa saliência de madeira, se encontrava um *iPhone*.

Sentiu-se logo animado. Poderia vender um *iPhone* no *pub* com facilidade. Deu um empurrão ao barco com o pé, mas este não se moveu; a água congelara em volta dele. Passou pela proa e parou

do outro lado do molhe. Agachando-se, inclinou-se para a frente e, usando a manga do casaco, limpou uma camada fina de neve, deixando à vista o gelo espesso. A água por baixo era muito límpida. No fundo, conseguiu distinguir dois peixes, com manchas vermelhas e pretas, a nadar preguiçosamente. Uma fila de pequenas bolhas de ar elevou-se deles, chegou à camada de gelo e espalhou-se em direções opostas.

O telemóvel recomeçou a tocar e ele deu um salto que quase o fez escorregar do molhe. O toque *kitsch* ressoou sob o telhado. Agora conseguia ver claramente o *iPhone* encostado à parede oposta, de lado num rebordo de madeira pouco acima da linha de água congelada. Tinha uma capa enfeitada com brilhantes. Lee foi até ao barco a remos e levantou uma perna. Apoiou o pé no banco de madeira e verificou se aguentava o peso, mantendo ainda o outro pé no molhe. O barco não se moveu.

Levantou a outra perna e entrou no barco, mas, mesmo dali, o *iPhone* estava fora do seu alcance. Estimulado pela ideia de um grosso maço de notas dobradas no bolso das calças de fato de treino, Lee passou a perna para o outro lado do barco e hesitantemente apoiou o pé no gelo. Segurando-se ao barco, pressionou o gelo, arriscando molhar o pé. O gelo aguentou. Saiu do barco, colocou o outro pé no gelo e ficou à espera de um rangido revelador de tensão e fraqueza. Nada. Deu um pequeno passo, depois outro. Era como caminhar num chão de betão.

O telhado de madeira era ali bastante baixo. Para chegar ao *iPhone*, Lee teria de se agachar.

Enquanto se acorava, a luz do ecrã iluminou o interior da cabana. Lee viu algumas garrafas de plástico e um pouco de lixo a sair do gelo, depois algo que o fez parar... algo que parecia a ponta de um dedo.

Com o coração acelerado, esticou a mão e tocou-lhe. Estava frio e parecia de borracha. Havia gelo na unha, que estava pintada de roxo-escuro. Puxou a manga do casaco para cima da mão e esfregou o gelo em volta dele. A luz do *iPhone* tingiu a superfície congelada de um verde sombrio, e, logo abaixo, ele viu uma mão esticada na direção de onde o dedo atravessava o gelo. O que devia ser um braço desaparecia nas profundezas.

O telefone parou de tocar e o som foi substituído por um silêncio ensurdecedor. Então viu-o. Exatamente por baixo de onde ele estava, encontrava-se o rosto de uma rapariga. Os olhos castanhos, inchados e leitosos fixavam-no, vazios. Uma madeixa emaranhada de cabelo escuro estava fundida no gelo. Um peixe passou a nadar lentamente, com a barbatana caudal a roçar os lábios da rapariga, que, abertos, davam a impressão de que estava prestes a falar.

Lee deu um grito e recuou, levantou-se de um pulo e bateu com a cabeça no teto baixo. Escorregou e caiu para trás, sobre o gelo.

Ficou atordoado por um momento. Depois ouviu um rangido e um estalido. Em pânico, esperneou e deslizou, tentando desesperadamente levantar-se, afastar-se o mais possível da rapariga morta, mas as pernas estavam-lhe sempre a escorregar. Nesse instante, caiu através do gelo e mergulhou na água glacial. Sentiu os braços flácidos da rapariga a entrelaçar-se nos seus, a pele fria e viscosa a encostar-se à sua. Quanto mais lutava, mais os membros de ambos se enredavam. O frio era cortante, absoluto. Engoliu água fétida, enquanto esperneava e esbracejava. Finalmente conseguiu agarrar-se à borda do barco a remos. Levantou-se e vomitou, desejou ter conseguido agarrar o telefone, mas a ideia de o vender havia desaparecido.

Agora só queria ligar a pedir ajuda.

2

Erika Foster esperava havia meia hora na receção encardida da esquadra de Lewisham Row. Agitou-se, desconfortável, numa cadeira de plástico verde que fazia parte de uma fila de cadeiras aparafusadas ao chão. Os assentos estavam desbotados e brilhantes, polidos durante anos por traseiros ansiosos e culpados. Através de uma janela grande que dava para o parque de estacionamento, a circunvalação, a torre de escritórios cinzenta e o centro comercial mal se viam, por causa da tempestade de neve. Um trilho de lama derretida seguia diagonalmente da entrada até ao balcão da receção, onde estava o oficial de dia a olhar para o computador com os olhos cansados. Tinha um rosto largo com papada e palitava os dentes com a unha e um ar ausente, tirando de vez em quando o dedo para inspecionar alguma nova descoberta antes de o enfiar novamente na boca.

– O chefe não deve demorar – disse ele.

Os seus olhos percorreram Erika de cima a baixo, notando o corpo magro coberto por calças de ganga desbotadas, camisola de lã e um blusão roxo. Pousaram no pequeno trólei aos pés dela. Erika retribuiu o olhar, e ambos o desviaram. A parede ao lado dela estava coberta de cartazes informativos. «NÃO SE TORNE VÍTIMA DE UM CRIME!», declarava um, e Erika achou uma estupidéz afixar-se aquilo na receção de uma esquadra dos arredores de Londres.

Uma porta ao lado do balcão abriu-se com um zumbido e o superintendente-chefe Marsh entrou na receção. O cabelo curto fora ficando grisalho nos dez anos transcorridos desde que Erika o vira pela última vez, mas, apesar do semblante exausto, ainda era um homem bonito. Erika levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Inspetora-chefe Foster, desculpe fazê-la esperar. Como foi o voo? – perguntou, observando-lhe a indumentária.

– Chegou atrasado, meu superintendente... daí a roupa – respondeu, justificando-se.

– Esta maldita neve não podia ter vindo em pior altura – resmungou Marsh, acrescentando: – Sargento Woolf, esta é a inspetora-chefe Foster; veio de Manchester para se juntar a nós. Preciso que lhe atribua uma viatura o mais depressa possível...

– Sim senhor – disse Woolf, assentindo.

– E vou precisar de um telemóvel – pediu Erika. – De preferência, uma coisa mais antiga, com teclas a sério. Odeio os ecrãs táteis.

– Vamos começar – disse Marsh. Passou a sua identificação pelo sensor e a porta emitiu um zumbido, abrindo-se.

– Cabra convencida – resmungou Woolf, depois de a porta se ter fechado.



Erika seguiu Marsh por um corredor comprido e baixo. Havia telefones a tocar e na direção contrária passaram agentes fardados e funcionários administrativos, com os rostos pálidos de janeiro, tensos e impacientes. Passaram por um cartaz da liga de *fantasy football* e, segundos depois, por um idêntico com filas de fotografias e com o título: MORTOS NO CUMPRIMENTO DO DEVER. Erika fechou os olhos e abriu-os apenas quando teve a certeza de ter passado por ele. Quase chocou com Marsh, que parara diante de uma porta onde se lia: SALA DE OPERAÇÕES. Pelos estores entreabertos na divisória de vidro, viu que a sala estava cheia. O medo contraiu-lhe a garganta; estava a transpirar por baixo do blusão. Marsh agarrou na maçaneta da porta.

– Meu superintendente, ia pôr-me ao corrente antes... – começou ela.

– Não há tempo – respondeu ele. Antes de Erika poder responder, Marsh já tinha aberto a porta, fazendo-lhe sinal para que entrasse primeiro.

A sala de operações era grande e ampla, e os mais de 20 polícias emudeceram, observando-os com os rostos ansiosos banhados pela luz crua das lâmpadas fluorescentes. As divisórias de vidro dos dois lados estavam posicionadas de frente para corredores, e num deles encontravam-se as impressoras e as fotocopiadoras. Havia zonas de desgaste na carpete fina em frente dessas máquinas e entre as mesas e os quadros brancos que cobriam a parede, ao fundo. Quando Marsh avançou, Erika meteu rapidamente a mala junto de uma fotocopiadora que debitava papel e sentou-se a uma mesa.

– Bom dia a todos – cumprimentou Marsh. – Como sabemos, há quatro dias foi comunicado o desaparecimento de Andrea Douglas-Brown, de 23 anos. E o que se seguiu foi uma confusão mediática. Hoje de manhã, pouco depois das nove, o corpo de uma jovem parecida com a Andrea foi encontrado no Museu Horniman, em Forest Hill. A identificação preliminar mostra que o telemóvel encontrado no local está em nome da Andrea, mas ainda estamos pendentes de uma identificação formal. A polícia científica está a caminho, mas tudo se atrasou por causa da maldita neve...

Um telefone começou a tocar. Marsh calou-se. O telefone continuou a tocar.

– Vamos lá, isto é uma sala de operações. Atendam a porcaria do telefone!

Ao fundo da sala, um agente atendeu e começou a falar em voz baixa.

– Se a identificação o confirmar, estamos a lidar com o homicídio de uma jovem ligada a uma família muito poderosa e influente, pelo que precisamos de estar sempre à frente da imprensa e do resto. Há carreiras em jogo.

Os jornais do dia estavam sobre uma mesa em frente de Erika. Os cabeçalhos anunciavam: «DESAPARECE FILHA DE DIRIGENTE TRABALHISTA DA CÂMARA DOS LORDES» e «COMPLÔ TERRORISTA PARA RAPTAR ANDIE?» O terceiro era o mais chamativo, com uma fotografia de página inteira de Andrea sob o título: «RAPTADA?»

– Esta é a inspetora-chefe Foster. Veio da Polícia Metropolitana de Manchester para se juntar a nós – terminou Marsh.

Erika sentiu que todos os olhares se viravam para si.

– Bom dia a todos. É um prazer estar... – começou Erika, mas um agente de cabelo preto comprido e oleoso interrompeu-a.

– Chefe, tenho estado no caso Douglas-Brown desde o desaparecimento e...

– E o quê, inspetor Sparks? – questionou Marsh.

– E a minha equipa está a trabalhar dia e noite. Ando a seguir várias pistas. Estou em contacto com a família...

– A inspetora Foster tem uma vasta experiência neste tipo de casos delicados...

– Mas...

– Sparks, isto não é uma discussão. A inspetora-chefe Foster vai, a partir de agora, liderar a investigação... Há de pôr-se a par rapidamente, mas tenho a certeza de que contará com a sua ajuda – disse Marsh.

Houve um silêncio confrangedor. Sparks recostou-se na cadeira e lançou um olhar de desagrado a Erika. Ela susteve o olhar dele e recusou-se a desviá-lo.

– E toda a gente fica de boca fechada – continuou Marsh. – Estou a falar a sério. Nada de imprensa, nada de mexericos. Entendido?

Os detetives murmuraram em concordância.

– Inspetora Foster, ao meu gabinete.



Erika estava de pé no meio do gabinete de Marsh, no último andar, enquanto ele vasculhava as pilhas de papelada que tinha na secretária. Olhou pela janela, que proporcionava uma vista mais abrangente de Lewisham. Para lá do centro comercial e da estação dos comboios, filas irregulares de casas geminadas de tijolo vermelho estendiam-se na direção de Blackheath. O gabinete de Marsh não era o espaço convencional de um superintendente-chefe. Não havia carros em miniatura no peitoril da janela nem retratos de família nas prateleiras. A secretária era uma confusão de papéis em pilhas altas e as prateleiras junto à janela eram usadas para guardar o excesso: dossiês a rebentar, correspondência por abrir, velhos postais de Natal e *post-its* enrolados, cobertos com a sua caligrafia irregular. A um canto, sobre

uma cadeira, pendiam a farda e o boné de gala. Em cima das calças amarrotadas, a luz vermelha do *Blackberry* piscava enquanto carregava. Era uma estranha mistura de quarto de adolescente com o de uma alta autoridade.

Marsh encontrou finalmente um pequeno envelope almofadado e entregou-lho. Ela rasgou a ponta e pegou na carteira com o distintivo e a identificação.

– Então, de repente, passo de nulidade a heroína? – perguntou, virando o distintivo na mão.

– Não se trata de si, detetive Foster. Devia sentir-se satisfeita – respondeu Marsh, dando a volta e sentando-se na cadeira.

– Meu superintendente, disseram-me, em termos inequívocos, que quando eu voltasse ao serviço teria tarefas administrativas durante, no mínimo, seis meses.

Marsh indicou-lhe que se sentasse na cadeira, à sua frente.

– Foster, quando lhe liguei, isto era apenas um desaparecimento. Agora estamos a investigar um homicídio. Preciso de recordar-lhe quem é o pai da jovem?

– Lorde Douglas-Brown. Não foi um dos principais fornecedores do governo durante a Guerra do Iraque? Ao mesmo tempo que fazia parte do gabinete ministerial?

– Isto não tem que ver com política.

– Desde quando me importo com política?

– A Andrea Douglas-Brown desapareceu na minha zona e o pai tem feito uma pressão enorme. É um homem influente que pode fazer e desfazer carreiras. Tenho uma reunião com o subcomissário e com alguém do maldito gabinete ministerial, hoje, ao fim da manhã...

– Então isto tem que ver com a sua carreira?

Marsh lançou-lhe um olhar duro.

– Preciso desse corpo identificado e de um suspeito. Rapidamente.

– Sim, meu superintendente. – Erika hesitou. – Posso perguntar: porquê eu? O plano é envolver-me para eu ser a primeira a cair? Depois o Sparks põe ordem na confusão e torna-se o herói? Porque mereço saber se...

– A mãe da Andrea é eslovaca. Tal como você... Achei que isso poderia ajudar as coisas, ter uma agente com quem a mãe pudesse identificar-se.

– Então é uma estratégia de relações-públicas?

– Se quiser ver as coisas dessa forma. Também sei que é uma agente extraordinária. Teve alguns problemas recentemente, sim, mas as suas conquistas superam aquilo que...

– Não é preciso dar-me graxa – disse Erika.

– Foster, a única coisa que nunca dominou é a política interna da polícia. Se a tivesse dominado, talvez estivéssemos agora sentados em lugares opostos.

– Sim, bem, eu tenho princípios – afirmou Erika, lançando-lhe um olhar duro. Houve um silêncio.

– Erika... trouxe-a para cá porque acho que merece uma trégua. Não rejeite o trabalho antes de começar.

– Sim senhor – respondeu ela.

– Agora vá ao local do crime. Ligue-me assim que souber alguma coisa. Se aquela rapariga é a Andrea Douglas-Brown, vamos precisar de uma identificação formal da família.

Erika levantou-se e preparou-se para sair. Marsh continuou, em tom mais suave:

– No funeral, não tive a oportunidade de lhe dizer o quanto lamentei a morte do Mark... Ele era um excelente agente, e um amigo.

– Obrigada, meu superintendente. – Erika olhou para a carpete. Ainda era difícil ouvir o nome dele. Esforçou-se por não chorar.

Marsh aclarou a garganta e voltou ao seu tom profissional:

– Sei que posso contar consigo para conseguir uma condenação rápida neste caso. Quero que me mantenha informado de todos os passos que forem dados.

– Sim senhor – disse Erika.

– E outra coisa, inspetora Foster...

– Sim?

– Livre-se dessa roupa informal.